

# PENNA, AGULHA E COLHER

SEMANARIO DE DONAS E DONZELLAS

Directora: Zenir Alc ea (Caixa 49)

Supplemento da «Epoca» (A. IX)



Anno III

Florianopolis, 6 de Setembro de 1919

Num. 3

## *Irmã Gonzaga*

Festejou no dia 4, o seu jubileu de prata a Revda Irmã Gonzaga, dignissima e muito estimada Directora das Filhas de Maria desta capital.

25 annos fez que essa desvelada Irmã, deixando os attractivos do lar, entregou-se ao serviço de Jesus, na santa vida do convento.

Em 1897 Irmã Gonzaga veio para o Brasil e, predestinada por Deus para ficar na nossa capital, muito tem trabalhado pelo desenvolvimento da Pia União das Filhas de Maria, da qual   directora effectiva desde 1909, pois que já occupava esse cargo, apesar de ser vice-directora, desde 1901.

Irmã Gonzaga trabalha não são como Directora da Pia União, mas tambem como professora do Collegio Cora o de Jesus, de onde têm sahido, nestes ultimos annos, muitas professoras, que já estão trabalhando, pelo engrandecimento do nosso Estado, nos Grupos Escolares.

Irmã Gonzaga tem sido uma dedicada Directora, uma desvelada Irmã, uma carinhosa professora!

As Filhas de Maria desta Capital, não querendo deixar passar despercebida essa gloriosa data, offereceram-lhe uma singelissima festa como signal de sua eterna gratidão e sincera amizade.

Que o bom Jesus abençoe essa abnegada Irmã e a conserve sempre como nossa Directora, são os votos sinceros de uma obscura

*Filha de Maria.*

## *A peste moderna...*

*(Versão do hespanhol por Zenir Alc ea)*

O horror que às massas inspira a vista do verdugo, esse horror se apodera de minha alma ao contemplar o calumniador. Creio, por isso, que verdugo e caluniador são irmãos gmeos, cujo destino   espalhar o terror por onde passam.

Mas não; há entre um e outro uma distinc o capitalissima, uma differença essencial: enquanto o verdugo obra compellido pela lei, o caluniador procede contra toda a razão e contra todo o direito.

O primeiro exerce na verdade um officio triste, mas honesto; o segundo, o daquelle, que fere sua victima com a língua — o officio de traidor e assassino.

Matar um semelhante   acto que às vezes se torna licito pela auctoridade de Deus ou do governo, ou pelo sagrado direito de defesa; calunial-o, porém,   um acto que Deus condemna sempre, e que a lei deveria com todo o rigor castigar.

O verdugo apparece, na sociedade, como um instrumento da auctoridade; o calumniador, como um ser indefinivel, produzido pelo inferno.

O verdugo pode ser honrado, mas no calumniador são pode existir a infamia, porque elle   o acabado exemplar dos malvados.

Aquelle tira a vida corporal ao que a lei declara culpado; este tira a vida da alma, porque a honra   a vida do innocente.

A morte do culpado   um bem para a sociedade em certos casos; a do innocente, porém,   um mal execravel, que brada aos c os.

Da vida do corpo podem os homens  s vezes dispor; da vida da alma são Deus dispõe.



## Penna, Agulha e Colher

— Publicação semanal —

Assignaturas:

Anno . . . . .	4\$000
Mez . . . . .	\$400

Pagamento adiantado

Quem obtiver 10 assignaturas annuaes pagas terá direito a uma gratuita.

A assignatura annual para os assignantes da «Época» custa 2\$000.

O calumniador é, portanto, além de traidor e assassino, ladrão de Deus! Monstro sem entranhas que devora reputações immaculadas, com o fogo de sua infernal palavra; raio que destroe quanto toca; veneno que mata só com o seu contacto, eis o que parece ser o calumniador.

A pequenez do juizo, a ruindade do coração, a perversidade da alma, são as principaes qualidades desse ser maléfico.

Não busqueis virtudes no calumniador, porque nelle só germina o vicio.

A mentira é seu alimento; a inveja, o fogo que o consome; o orgulho, o ar que respira; o odio, o movel de seus actos; a vista do seu pouco mérito, o verme que o martyrisa.

O coração do calumniador, si é que o tem, é peor do que o de uma fera!

Elle sonha delirios monstruosos e apregôa realidades; aquillo que, apreciado com vista clara e serena, constitue um mérito, elle o condemna como um crime; a virtude, para elle, é hypnocrisia; a dignidade, soberba; a energia de character e a franqueza no dizer, orgulho indomavel e quixotismo ridiculo.

E' que o calumniador padece a enfermidade de confundir tudo e de ver todas as cousas ao contrario do que são na realidade, por isso crimina as mais innocentes acções dos homens, seus irmãos, e dignifica seus proprios delictos, como si fossem virtudes heroicas; por isso, ao passo que qualifica os outros de demonios, elle se considera «piedosamente» um anjo!

E certamente não se engana: é um anjo, mas um anjo cahido, que converteu o mundo noutro inferno.

## DOMINIOS DA ESPHINGE

(8º torneio charadistico)

(Julho, Agosto e Setembro)

Tres premios ás vencedoras

55-58) Syncopadas

- 4 — Esta menina veio da floresta —2
- 3 — Na arvore há uma fructa —2
- 3 — E' necessario que elle seja condemnado —2
- 4 — O' menina, viste essa menina? —2

I. A.

II) ANCILLA DOMINI  
NA INTIMIDADE

IX

Amada Judith.

Realizou-se emfim o sonho da nossa juventude! Lembras-te, irman, quando te castaste, promettemo-nos mutuamente: se tiveres um filho e, mais tarde, eu uma filha, havemos de educal-os piedosamente, havemos de procurar fazer delles dous modelos de virtude, e depois pediremos sempre ao Senhor que se amem e se casem os dous queridos nossos.

Não quizemos, no entanto, forçar a escolha daquelles amados filhos, nunca lhes referimos os nossos sonhos de outr'ora.

E assim se fez. Sinto-me feliz, minha irman, porque as bellas qualidades de teu filho são o penhor da felicidade da minha primogenita.

Possa ella tambem fazel-o feliz!

E nós havemos de ser mais irmans do que nunca, temos novo elo a nos ligar os corações.

FIM

## Creadas aristocraticas

Comédia em 3 actos

Adaptação de Edésia Aducci

—o—

PERSONAGENS:

D. Emilia Dalben, baroneza.

Zuleika, sua filha.

Amelia, Anastacia, Genoveva e Anna, creadas

Baroneza Flériot.

Condessa Zurbaran.

Wilma, amiga de Zuleika.

SCENA VII

As precedentes e Amelia.

Amelia — (entra trazendo uma bandeja com um bule, doces, etc.) Aqui está o chá, minha senhora.

Wilma — Antes de nos sentarmos á mesa, desejava eu photographar, em um grupo, as senhoras presentes; posso fazel-o? (Amelia sae)

D. Emilia — Por certo, Wilma.

Wilma — Então tenham a bondade de se collocar em um grupo e ficar quietas um instante. (Agrupam-se, ficando umas de pé e outras sentadas, e, para que a comedia fique mais engraçada, devem as pseudo-fidalgas mexer-se, justamente na occasião em que deviam ficar quietas, ou falar, etc.)

Wilma — Prompto! Muito obrigada! (Levantam-se as outras, podendo as criadas ficar sentadas ou levantar-se tambem).

Zuleika — (rindo) Depois de prompta, collocaremos a photographia em uma moldura moderna, escrevendo em baixo:

— Uma visita de fidalgas.



# A mais feliz

Stavam ambas na sala. Uma, de pé, rugava  
O sobr'olho, orgulhosa; outra ao lado ajustava,  
No manequim, o peito e as mangas de uma  
blusa  
De sêda azul, humilde, apurada e confusa.  
—Puxe mais pela mão; sabe que tenha pressa!  
A's duas horas deve aqui estar a caleça!

A modista, calada e triste, trabalhava  
Nervosamente; a dama, inquieta, acompanhava  
Com olhar soberano a viagem da agulha  
Por dentro do setim.

Só da machina a bulha  
Se ouvia, no silencio a intervallos deixado  
Pela voz que mandava, em tom secco e a-  
pressado.

—Consulte o figurino. Ai!... arranque este fô-  
lho

Da gola!

E contrahiui inda mais o sobr'olho.

—Decôte mais!... se eu tenho um pescoço  
tão curto,

P'ra que atufal-o ainda? até seria... um furto!  
Tire a sombra da manga; apeñas basta a ren-  
da...

Agora sim, que fica uma cousa estupenda!...

—Prompta?... Ainda bem!

E, já de todo satisfeita,

A madama vaidosa ergueu, na mão direita,  
Aquelle primor d'arte, o seu corpete lindo  
E immodesto... Depois, accrescentou sorrin-  
do:

—Quero hoje mostrar, nesta cidade inteira,  
O talento ideal da minha costureira!

Sahiu, emfim, p'ra a festa. O sol da tarde  
em brilhos

Argentava-lhe a sêda, as rendas e os vidri-  
lhos.

Repimpada, a sorrir, no seu carro elegante,  
Levantava entre a turba a cabeça arrogante,  
Exhibindo o esplendor das suas pedrarias

E as plumas do chapéo, recebendo honrarias  
De quantos encontrava—uns tantos imbecis  
Que sabem arranjar curvaturas gentis

E expressões de primor p'ra sóltal-as, a flux,  
Mesmo á lama do chão... quando a lama  
reluz.

No entanto, a costureira, a moça pobre e  
honestas,

Caminhando p'ra o lar, mal vestida e modesta,  
De ninguém recebeu a menor saudação.

Nem p'ra ella se abriu a flor de um coração...  
Entrou em casa, triste. A mãe, cega e ve-  
lhinha,

Que se achava sentada a um canto da salinha,  
Deu-lhe um beijo na face e murmurou:

—Emquanto

Estavas lá, rezei... oh, filha! rezei tanto!  
O meu rosario inteiro!... uma voz me dizia  
Que a minha companheira, o meu anjo, soffria!  
Vamos... dize o que tens!...

—Mamãe, não tenho nada!  
Trabalhei sem parar e agora... estou can-  
çada...

—Olha, no coração das mães ha uma fibra,  
Que, quando o filho soffre, intensamente vibra,  
E o meu vibrou ha pouco. Ai! não negues!  
entraste,

E eu senti no teu passo a tristeza. Choraste!  
A minh'alma te entende... a minh'alma te  
vê...

Choraste, e eu sei porque!...

—Pois sim, mamãe; chorei. Ouça. Eu, p'ra  
ser virtuosa,

Levo uma vida afflicta e dura e trabalhosa,  
Emquanto,—e isso é cruel!... aquella mu-  
lher ruim

Atravessa em triumphos as ruas... Dentro  
em mim

Ruge não sei que atroz vergonha e raiva.

—Filha!

Que te importa que o mundo ame o vicio  
que brilha?

Eu te garanto que és

E serás mais feliz do que essa, a cujos pés  
Queima incenso a loucura!... um idolo de  
barro,

Que, embora reclinado entre os coxins de  
um carro,

Ou talvez mais acima,

Toda a gente de bem ou despreza ou lastimal  
Anda; ajoelha aqui. Eu vou te abençoar!

E Deus, que escuta as mães, Deus ha de  
confirmar

A minha benção. Deus, que é tão justo e  
tão bom,

Te ha de conceder sempre o mais precioso  
dom

Que existe!...

—E qual é, mãe, esse dom?... a opulencia?...

—Não, minha filha! é—a paz!... é a paz da  
consciencia!...

Sobre e fronte da moça ajoelhada e calma  
A velha pôz as mãos e nas mãos poz a al-  
ma...

Neste momento o sol, que esplendorava as  
ruas,

Sala a dentro irrompeu e circumdôu as duas  
Com uma aureola de luz,

Em cujo centro a mão senil traçava a cruz

... Era Deus, collocando o sinete real

Na prece maternal...

AMELIA RODRIGUES



## Confecção de chapéus

### LIÇÕES PRATICAS E FACEIS

B) A *aba* (Fig. 5, 6 e 7) faz-se da maneira seguinte: fazer primeiramente, como para a *copa*, um circulo de base de arame. Dá-se-lhe, como circunferencia, a dimensão da volta da cabeça, augmentada de dois a tres centimetros. Este circulo é, de resto, a entrada da cabeça.

Sobre este circulo, fechado por um gancho modista, collocar-se-á, dividindo-o em dois, uma travessa de arame de cerca de cincoenta centimetros de comprimento; nos dois pontos onde esta travessa (que se chama «fourchette») se apoia sobre o circulo, fixa-a ahí por um gancho modista, de modo que as duas extremidades livres sejam de igual comprimento. Repetir esta operação com tres outras «fourchettes», dispostas symmetricamente em estrella (Fig. 5).

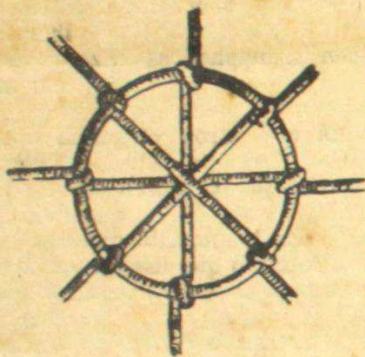


Fig. 5.

Formar um novo circulo de dez centimetros mais de diametro: collocal-o sobre a estrella esboçada, e, em cada ponto de cruzamento com as «fourchettes», fazer com estas sobre cada circulo um gancho modista (Fig. 6).

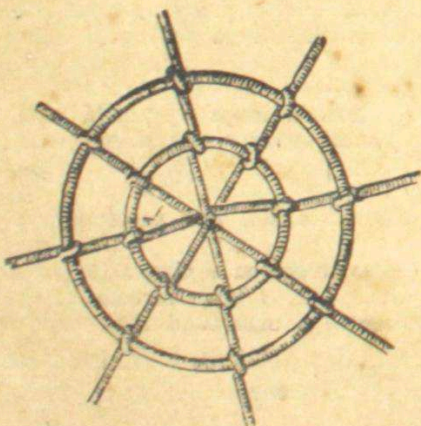


Fig. 6.

Recomeçar assim successivamente com dois ou tres outros circulos, cujo diametro será proporcionalmente augmentado até que o ultimo tenha por circunferencia a dimensão que se deseja dar á aba do chapéu.

Entretanto, antes de manter os quatro ou cinco circulos com as «fourchettes», deverão transportar sobre estas ultimas as dimensões mais ou menos deseguaes que se queiram dar á aba, isto é, se um dos lados é maior que o outro, o de traz mais estreito, etc. Indicado isto, cortam-se as «fourchettes» segundo essas medidas, mas deixando um centimetro ou um centimetro e meio a mais para os dois ganchos modistas.

Uma vez a aba terminada, cortam-se ao centro (Fig. 7) as quatro «fourchettes» endireitando os quatro pedaços perpendicularmente á entrada da cabeça. Póde-se em seguida ou cortar estas pontas a cinco ou seis centimetros de altura, fixando-as sobre um circulo de arame, de circunferencia igual á entrada da cabeça, ou ainda fixar sobre a aba uma *copa* preparada com antecedencia.

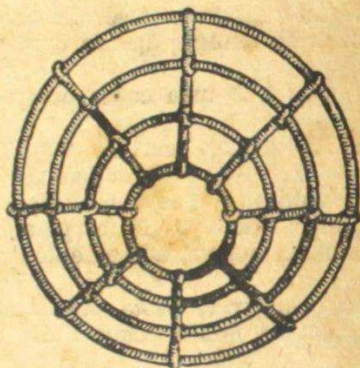
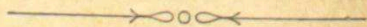


Fig. 7.

C) A *carneira* fixa-se por dentro do chapéu para diminuir ou levantar a entrada da cabeça. Já tendo nós dado as necessarias explicações sobre este parte do chapéu, a maneira de o confeccionar, etc. julgamos o-cioso repetil-as.

As leitores terão notado que nós estamos insistindo muito em detalhes explicativos que parecem superfluos. Ora, todo mundo sabe o que é *copa*, *aba*, *carneira*, etc. mas convem advertir que escrevemos para todas as intelligencias, e que não se pode explicar uma coisa sem começar pelo principio.



Pede-se dirigir os pagamentos e pedidos de assignaturas á casa editora:

LIVRARIA CYSNE, Florianópolis  
Rua 28 de Setembro N.º 8.